

A atitude do operariado

A grande manifestação do povo de Lisboa revestiu uma alta importância e obteve o concurso unânime das massas trabalhadoras, porque o espírito desse movimento de protesto se confundia com o próprio objectivo da organização sindicalista. Um motivo de interesse geral reuniu o povo trabalhador, por diversas que fossem as suas tendências ideológicas, e levou-o a fazer uma imponente demonstração de solidariedade, que por si só é uma demonstração de força. Ora, é precisamente esse o espírito sindicalista: a união de todos os trabalhadores lutando contra o capitalismo e contra o Estado, para a sua libertação integral.

O que se pretendeu com a manifestação de ontem foi protestar contra o facto de se terem conluiado os políticos para cobrirem as forças-vivas, a alta finança, todos os exploradores do povo. A crise ministerial foi a mais clara demonstração da imoralidade política, da transigência duma grande parte dos políticos republicanos com as oligarquias exploradoras; esse facto provocou, portanto, uma natural reacção da parte dos explorados. Daí o seu protesto.

O que se impõe agora é que as classes trabalhadoras persistam na mesma união, que não abandonem o campo da luta e continuem vigilantes na defesa dos seus direitos. O incidente político atraiu, naturalmente, pelas circunstâncias excepcionais que o revestiram, a atenção da população. Durante um momento todos nós sentimos que era contra a reacção dos políticos con-

servadores que devia concentrar-se a nossa acção, os nossos protestos, a nossa luta. Porém, não é esse o facto que mais nos interessa. Se somos obrigados a bater-nos neste terreno, é porque nos bastidores da política se procurou organizar uma intriga reaccionária para inutilizar as nossas reivindicações económicas. Mas são estas, tenhamos-lo sempre presente, o nosso principal objectivo.

Não podemos pôr de parte o combate contra a carestia da vida, contra a exploração que o comércio continua a exercer, teimando em não baixar os preços, contra os patrões que, artificialmente, estão criando uma crise de trabalho que se não justifica, e devemos continuar reclamando dos governos aquela atitude de neutralidade que nos permita a liberdade da nossa acção e o triunfo das nossas reclamações.

A cumplicidade do regime com o capitalismo tem impedido o progresso social. Para que ele se realize é preciso combater essa cumplicidade. Para isso se deverá manter a atmosfera que se criou, de perfeita hostilidade à reacção política conservadora.

Mas não esqueçamos que só secundariamente, e por a nossa acção ter sido perturbada pelos políticos, é que a nossa atenção foi atraída para a comédia parlamentar e que o nosso intuito é, sobretudo, o de manter e intensificar a luta económica, que é o que principalmente nos preocupa. E para isso é que a união do povo trabalhador é necessária e útil.

OS INTELLECTUAIS E AS OLIGARQUIAS

O sindicalismo não amedronta o velho homem de letras
dr. Coelho de Carvalho

A acção das "forças vivas", o despotismo nem máscara das oligarquias, está espalhando em todo o país, a revolta e o suborno. Já não há indiferentes.

Não pôde haver consciências vencidas pela apatia. Todo o país está alvoroçado. Dum lado, aqueles a quem o suborno fez sobressaltar a consciência na hora dos remorsos inevitáveis. Do outro, aqueles que não podem calar a sua revolta, não obstante os seus hábitos de ponderação. Essa revolta transformada em comentários de indignação, em gritos de protesto, ou em gestos imprecisos mas bruscos, de quem pretende sacudir uma atmosfera que asfixia. E o caso. A atmosfera asfixia. Já não é só o pão, já não são apenas as dificuldades materiais, a tirania económica, esmagando a vida. É o despotismo, é a tirania a mais cruel sobre as consciências, irmanando na mesma dor, os trabalhadores do braço, e os trabalhadores intelectuais.

Aqui está por exemplo, o dr. Coelho de Carvalho, figura que não podemos chamar veneranda, para não magoar a juventude do seu espírito. A sua cultura, as suas barbas brancas, a profundidade e a graça como peneta o estudo de pretéritas civilizações, revelando um contacto permanente com o passado, impõem-nos como uma figura de alto prestígio intelectual, inacessível ao crepitar dos entusiasmos ardentes dos ideais transportados para o campo da luta social.

De resto ele foi também um lutador, ele também já levantou o pendão de revolta contra as iniquidades sociais. O prefácio da sua peça "Casamento de conveniência", foi há muitos anos, como que o farol de uma geração chamada a conhecer as misérias da sociedade contemporânea. Alma de artista, sensibilidade, educado no culto da verdade e da beleza, o dr. Coelho de Carvalho, com toda a sua produção, com toda a serenidade esculpida pelos anos, não poderia ficar insensível à mentira cada vez maior da sociedade presente, e a subversão da beleza no pântano moral que é vida das classes dominantes.

E assim, ele exprimiu num tom de voz que não está nos seus hábitos, o seu protesto, a sua indignação, contra os desmandos da plutocracia.

Forças-vivas, só conheço as que produzem

Quem frisar algumas dessas palavras, que impressionam mais pela autoridade do que pela revolta, e pedimos-lhe autorização para as arquivar nas colunas da Batalha. Para dissuadir o artista admirável da adaptação do "Cântico dos Cânticos", disse-me:

— Ouviros-lhe umas palavras de indignação contra este estado de coisas. E' preciso que elas sejam muito fortes para abalar um artista que só vive para a sua obra. O dr. Coelho de Carvalho, recebe-os carinhosamente, e depois de um belo sorriso de bondade, lavando de scepticismo, começa:

— É preciso dizer-lhe que eu não estava indignado... Eu nunca me indigno. A indignação é muito feia, não lhe parece? Tam pouco me queixava, porque isso deprime... Percebe?

— Revoltava-se? — Isso para os novos. Na minha idade, passados os primeiros ímpetos de negação, a fúria económica, só é justa e bela, construir. Cada um tem o seu papel, o seu modo de agir.

— Mas as forças-vivas...

— Eu não sei o que isso é, nem me parece que valha a pena esforçar-me por isso. Entendo que forças-vivas são quem produzem. Se chamam isso a outra coisa, cometem um erro fundamental.

Há uma lei basililar da existência. E' o trabalho. Quem não trabalha não tem direito à existência. Deem lá os nomes que quizerem, mas quem vive e não trabalha, não deixa de ser um parasita.

A organização do trabalho, parece-me o primeiro problema de moral a resolver.

— Chegamos assim a sindicalização.

— Sem dúvida. Sou de opinião que deve efectuar-se a sindicalização das classes para harmonizar, dar vida normal às sociedades humanas. A célula social é o sindicato. O dr. Coelho de Carvalho, faz uma pequena pausa, e sorrindo sempre, comenta:

— Nesta época de terror, de efervescência, e de falsificações, até as palavras são adulteradas e se pretende ver nelas uma efervescência que inspira medo. O que eu lhe estou a dizer, tem-no escrito em programas e noutros lugares de doutrinas da monarquia absoluta.

Pois não estranho nada que ignorem as suas próprias declarações e que se atribua à nossa conversação, um propósito de revolucionarismo perigoso...

— Reatando. — O que é preciso é encarar os factos com muita humanidade. Vivemos uma época extraordinária, época de uztura. Todos os que pensam e não vivem da exploração do seu semelhante, devem por todas as formas atenuar a crueldade da existência dos que trabalham, porque esses é que têm direito a uma vida melhor.

— Os outros?... — Os outros, nem é preciso falar deles... Vou levantar-me porque tenho o tempo todo tomado com um livro, um poema, em que mais claramente exponho estas ideias.

CONTRA O IMPERIALISMO BRITANICO

O movimento revolucionário nas Indias

Por todos os lados os povos lutam pela sua autonomia.

Em todas as colónias do império britânico, uma propaganda incessante está produzindo os seus frutos.

Nas Indias, a policia fez, recentemente, uma busca nos escritórios duma organização revolucionária de Caranpore (Indias Inglesas), e apreendeu um grande numero de exemplares do jornal "The Revolutionary", que é proibido pelo governo. O jornal tem sido espalhado por toda a provincia.

Este órgão publicou um manifesto, declarando que os estrangeiros devem ser repellidos do país, e que é preciso estabelecer uma república federal dos Estados Unidos da India. Afirmou que não participa ainda no movimento terrorista, mas que entrará nele no caso em que os executantes da lei estrangeira continuem a tornar insuportável a vida do país.

As ideias revolucionárias fecundam entre as misérias do povo das Indias, e estão preparando o túmulo do imperialismo britânico.

O que é a União dos Interesses Económicos?

E' a união do banditismo que quer ser governo para melhor assegurar o seu predomínio imoral

O que é a União dos Interesses Económicos?

E' a união de todos os exploradores que durante a guerra, enquanto o exército morria na Flandres, lhe enviavam "patrioticamente" as conservas pôdres em que negociavam!

O que é a União dos Interesses Económicos?

E' a união dos negociantes e industriais sem escrúpulos que, durante a mesma guerra, enquanto enviavam aos soldados sacrificados as sardinhas ardidas lhes, envenenavam as famílias com o pão-lixo que tivemos de comer e de pagar bem caro.

O que é a União dos Interesses Económicos?

E' a união dos mesmos negociantes, que depois da paz continuaram a envenenar-nos com os produtos caros e adulterados, que tanto contribuíram para o definhamento da raça.

E' a união de todos os industriais que, corrompendo os políticos que depois acusam de ladrões e perdulários, vivem de indústrias mal dirigidas e orientadas que vegetam à sombra das pautas alfandegárias.

E' a união dos "honrados" comerciantes que viciam as escritas para não pagar os impostos.

E' a união dos "grandes" lavradores que mantêm em todo o país léguas e léguas de terrenos incultos.

E' a união dos financeiros que têm a sôdo políticos sem escrúpulos.

O que é, afinal, a União dos Interesses Económicos?

E' a união do banditismo que pretende ser governo para melhor assegurar o seu poderio!

O DR. BRITO CAMACHO POLÍTICO

O dr. sr. Brito Camacho que é, há bastante tempo, no parlamento uma voz voluntariamente emudecida, desforça-se do seu silêncio numa entrevista no *Diário de Notícias*, onde papagueia debilmente alguns lugares comuns que, se fossem pronunciados por outro, mereceriam da sua parte os seus habituais e felizes sarcasmos. Para se ter trivializado aquele ponto teria sido preferível, conservar-se, acerca de politica, tão silencioso para os jornais como o tem sido para o parlamento.

A sua visão politica que foi sempre erradíssima e infelicitíssima, atravessa uma crise que tudo o leva a crer — será definitiva. Sem prosseguir comentando, transcrevamos, para melhor se aquilatar da justeza das nossas afirmações, as poucas frases por ele consagradas ao actual momento politico:

— Achei conveniente a queda do governo e tanto assim que dei o meu voto à moção que o derrubou. Uma experiência de bolexistas feitas por bolexistas, seria uma coisa interessante; e feita por interpostas pessoas, burgueses republicanos, era uma coisa desastrosa.

E' triste, muito triste mesmo, ao termos de criticar estas afirmações, confessar que elas partiram duma pessoa de talento

Porque lentas absurdas viu o sr. Brito Camacho o governo do dr. José Domingues dos Santos a ponto de o considerar do mesmo modo do que esse jornal de rapinadores comerciantes que é actualmente *O Século*?

Bolexista o governo do sr. José Domingues? Isto só por blague!

Quanto ao segundo ponto — considerar oportuna a queda do governo — o sr. Brito Camacho é ainda mais infeliz. Como pôde, no próprio dia em que se realizou a mais formidável das manifestações populares, considerar oportuna a queda dum governo? Nem sequer teve olhos para ver, ouvidos para escutar, cérebro para raciocinar diante do protesto de 80.000 pessoas?

O sr. Camacho que politicamente foi sempre incapacíssimo, está agora de todo embotado. Sem azedume, sem ironia, amigavelmente até, daqui lhe aconselhamos a deixar a politica para deixar de oferecer a todos o triste espectáculo duma deplorável inaptidão. Refugie-se no jornalismo e na literatura donde nunca devia ter saído, porque é um cronista admirável e seintificante e um escritor com magníficas qualidades de descritivo e evocação.

A imprensa burguesa

E' muito curiosa a maneira como são redigidos os jornais conservadores e reaccionários. Partidários da ordem, da disciplina, da moderação de costumes, da tranquilidade das ruas e dos espiritos, eles são redigidos de maneira a provocar a agitação nos espiritos e nas ruas, a degradar os costumes, a preparar a indisciplina e a atear a desordem.

A maneira como apoucam o Chefe do Estado, como lhe dirigem velados, mas graves insultos, desmente todas as suas afirmações hipócritas de respeito pela hierarquia social que pretendem que o povo respeite. Nós que não consideramos o dr. Teixeira Gomes intangível, e que desejamos uma sociedade sem reis nem presidentes, não usamos, entretanto, ao referirmo-nos ao Chefe do Estado, essa linguagem viscosa e baixa, própria de quem não possui a menor educação. O dr. Teixeira Gomes merece-nos o mesmo respeito que nos merece qualquer trabalhador. E como tratamos o simples trabalhador com o respeito que todos nós nos devemos, indistintamente, não damos ao presidente da república tratamento inferior ao que dispensamos a toda a gente. Não o tratamos por Sua Excelência, porque a ninguém damos esse tratamento, mas imprimimos à nossa linguagem o cunho de respeito social, que ele também nos deve, como homem, como componente da colectividade em que vivemos.

Mas essa linguagem reles manifesta-se ainda a propósito de outros assuntos. Há dias em certa gazeta classificava-se de "malta" o povo explorado. Nós, como não podemos ser por eles apodados de ladrões, somos mimoseados com os termos de agitadores, desordeiros e bolexistas.

Agitadores? Mas o que são os Pereira da Rosa, os Roque da Fonseca e outros que, servindo-se duma linguagem porca e insultuosa, que nós nunca descemos a usar, atacam os homens públicos e as instituições? Jato deles nós não chegamos a ser sequer a sombra dum agitador. Mas tomemos para nós esse termo. Sim, somos agitadores, agitadores de ideias generosas, de ideias que não nos aproveitamos pessoalmente, de ideias benéficas para a colectividade.

E eles? Que espécie de doutrinas agitam eles? A teoria do predomínio do forte sobre o fraco; a defeza da especulação desenfreada, são os seus ideais.

Que somos desordeiros. E eles? Mantem nos seus jornais uma agitação constante, atraindo homens às ferias, fazendo intriga baixa e reles na qual pretendem envolver a policia e a guarda republicana no intuito de estabelecer a confusão e gerar as mais espantosas violências. Assim procedem eles que se dizem contrários à bomba e ao assassinato.

E nós? Nós, os desordeiros, condenamos altivamente a bomba e o atentado pessoal. Entendemos que esses desforços isolados de nada valem. Queremos sim a rebeldia contra a violência, a revolta colectiva, a revolta do povo, demonstrada um dia, contra a sociedade imperfeita e violenta que nos domina. Não há, porém, na nossa propaganda o ataque sistemático a individuos, mas sim a instituições.

Nós, os desordeiros, usamos de processos leais no nosso combate. E não nos envergonhamos protestar contra as arbitrariedades de que são vítimas os nossos inimigos. Em obediência ao nosso critério de justiça que está acima dos interesses mesquinhos dos homens, fomos dos primeiros a protestar, em nome da liberdade de reunião, contra a dissolução da Associação Commercial.

Quando o *Século* escreveu que pensavam em assaltá-lo, lealmente nos apressámos a firmar o nosso protesto, não pelo *Século*, mas pelo principio de liberdade de imprensa que sempre defendemos e do qual não abdicaremos mesmo quando os atingidos pelas violências sejam os nossos mais irreductíveis adversários.

Que somos bolexistas, dizem eles. Ora nós não somos bolexistas porque discordamos dos processos ditatoriais, do corpo de doutrinas que esse termo classifica. Mas se quizerem dar ao bolexismo o significado de permanente e consciente protesto contra todos os crimes, contra todos os roubos, contra todas as injustiças sociais — aqui nós declaramos bolexistas sem temer das responsabilidades que tal declaração nos acarrete.

E' degradante a linguagem que os jornais, mesmo católicos, empregam sem pudor.

E forma flagrante contraste com as afirmações de disciplina, boa educação, ordem social e respeito mútuo que, entre os seus insultos, apregoam aos quatro ventos.

CONTRA O IMPERIALISMO FRANCÊS

Os operários agrícolas da Tunísia revoltam-se

A revolta toma extensão na Tunísia. Os operários duma fábrica de Hammam-bif, na sua maior parte indígenas, puseram-se em greve, e conseguiram arrastar no seu movimento reivindicador os operários agrícolas do domínio de Potinville.

Os grevistas estavam dispostos a lutar até à vitória, mas o patronato recrutou pessoal europeu, que não teve escrúpulo algum em desempenhar o odioso papel de furadores de greve.

A-pesar-disso os indígenas não esmoreceram, recorrendo à acção directa, e fizeram sentir aos renegados o prego da sua traição.

Houve um conflito, tendo sido efectuadas várias prisões.

O delegado da organização dos indígenas, Mohamed ben Ali, não hesitou em dizer aos trabalhadores agrícolas de Potinville, que a terra sobre a qual eles se estafam a trabalhar lhes pertence, e que os seus donos não são mais do que vis exploradores.

Isto não agradou ao sr. Herriot, que, patriota e imperialista como todos os chefes de estado, se prepara para proceder contra os proletários conscientes da Tunísia da mesma maneira que o governo reaccionário da Inglaterra o fez contra os operários do Egipto e da Indias.

Políticos que sobrevivem?

Há certos políticos, de tal maneira viciados e gastos e desacreditados e caqueticos que já de há muito deviam ter abandonado a politica e recolher, socegradamente, a penates. A politica de "raposas" fez-se para o tempo em que o povo tinha os olhos fechados. Esse tempo já passou e com ele se deviam ter ido embora os "raposas" que o simbolizaram.

Estão anacrónicos, esses políticos de unhas negras quando não de mãos sujas que hoje não causam senão exclamações de desprezo quando não sentimentos de repulsa e asco.

A manifestação de ontem pela sua importância numerica exprimi o sentir da maioria esmagadora da população e só loucos, mentecaptos, e obtusas cerebreações políticas dum tempo que não regressa mais, ousam negar o grande valor que socialmente ela revelou.

Quiz o sr. António Maria da Silva desvirtuá-la, reduzi-la a nada com estas subtilidades tam pobrezinhas como torpes:

— Não especulem — referia-se aos democráticos esquerdistas — com a definição hiperbolizada da manifestação de ontem. Deve atribuir-se-lhe uma importância relativa, posto que aquela gente, formada de heterogeneos elementos políticos, não garante segurança a ninguém.

Pode mesmo avançar-se que ela deve ter sido um pretexto para autorizar amanhã que alguns dos seus elementos mais audaciosos entrem no seu gabinete de chapéu na cabeça.

O sr. António Maria da Silva pretende afogar uma realidade bem viva — uma manifestação de 80.000 pessoas — em meia dúzia de palavras! E enganarão alguém estas palavras, ainda surtida algum efeito o velho e gasto expediente que elas revelam?

"A Batalha" vende-se em todas as tabacarias

A CONFLAGRAÇÃO MUNDIAL

Os crimes dos conselhos de guerra

Em 7 de Março de 1915 o soldado Gonsard, do 104 regimento de infantaria, foi executado em Bussy-le-Château (Marne) por abandono do posto por mutilação voluntária.

Ele tinha sido ferido dias antes no indicador esquerdo, mas o médico, que o examinou declarou que a sua ferida parecia suspeita.

E sem serem ouvidas testemunhas Gonsard foi condenado à morte, a-pesar-de-ferido por uma bala alemã.

A Liga dos Direitos do Homem procura agora reabilitar o seu nome, mas a vida é que já ninguém lhe pode dar!

Não esqueçamos Sacco e Vanzetti

Segundo informa "Cultura Obrera", de Nova York foram ambos internados num manicómio

Segundo informa a "Cultura Obrera", de Nova York, Sacco e Vanzetti foram internados num manicómio de criminosos.

Como é sabido, estes dois camaradas foram condenados à morte pela "justiça" americana pelo crime de assassinio, simples pretexto para os aniquilarem, por serem eles "agitadores, ateus e anarquistas".

O que lhes têm feito é mais que suficiente para enlouquecer o mais sensato e equilibrado dos homens, mas esta resolução da burguesia "Yankee" é simplesmente um estratagemma, para evitar ter que declará-los inocentes, em face dos protestos do proletariado mundial.

E' preciso pois arrancar-se Sacco e Vanzetti aos seus algozes, que pretendem aniquilá-los agora moralmente.

O NOVO GOVERNO

Deve ter ficado constituído, esta madrugada, o novo governo que é presidido pelo sr. Vitorino Guimarães e será composto por elementos do famoso bloco parlamentar que faz e desfaz, caprichosamente, ministérios. Abstemo-nos de publicar os nomes dos ministros, porque há a incerteza sobre a maior parte deles: uns porque ainda não foram consultados, outros porque parecem ter a disposição de alijar o encargo.

Aguardamos os seus actos para sobre eles nos pronunciarmos. Parece-nos, contudo, que resulta dum expediente, tendente a evitar a hostilidade das duas facções democráticas que são quasi dois partidos dentro dum, em irreductível discordância.

UM EQUÍVOCO...

A *Epoca* no relato que ontem fez da manifestação a Belém diz que um dos sinatarios da representação que foi entregue ao chefe do Estado era o sr. João Pedro dos Santos, director da P.S.E. O director da P.S.E. não foi para ali metido nem achado, mas sim o nosso amigo e camarada João Pedro dos Santos, do sindicato do pessoal do Arsenal do Exército. Os redactores daquele jornal conhecem bem o primeiro para o terem confundido, mas como convinha deturpar, fingiram equivocarse... E' assim que certos jornais como a *Epoca* fazem reportagens. Mas o Deus deles é bom e perdoa aquele malvoso pecado de mentira, como lhes perdoa outros bem piores. Ou não fosse o Deus deles a sua imagem e semelhança!

O PERIGO JUDEU

A propósito duma entrevista que aqui ontem publicamos subordinada a este título, foram-nos feitos alguns reparos por indivíduos da colónia judaica, e até por camarádas que, num direito legítimo, discordam do aspecto da referida entrevista em que supõem existir a reminiscência duma questão de raças.

Por outro lado, como sempre sucede, outros manifestaram-se de acordo com a doutrina explanada, achando-a oportuna e acertada.

Porque a Batalha é um jornal de processos leais, e porque a sua orientação nunca pode ser tendente a levantar uma questão de raças, vamos transcrever alguns pontos das cartas que nos foram dirigidas, para lhe expormos os devidos comentários, que tendem a esclarecer a questão. Numa dessas cartas, embora sem assinatura, escreve-se, entre diversas coisas que não interessam, o seguinte:

«O sr. Mário Sá engana-se, redondamente, afirmando haver 1300 judeus em Portugal. Primeiramente só há judeus em Lisboa, e apenas uns 600, contando entre homens, mulheres e crianças. Contando, mesmo, com os russos que vieram de baixo da maior miséria. Mas, felizmente, o judeu trabalha, ele é alfaiate, é sapateiro, etc. Os tais da oligarquia hebraica não conhecem. Há um israelita que é vice-presidente da Associação Comercial, e isto somente, etc., etc.

Também, no mesmo sentido recebemos uma carta do sr. Augusto d'Esaguy, de que recordamos as seguintes passagens:

«A maneira de alguns escritores franceses, filiados na *Action Française*, chefiada pelo adipe e violento sr. Leon Daudet, o grande inimigo dos operários, que todos os dias, através dos seus diários e revistas, combatem as organizações que lutam pelo triunfo do ideal comunista, o sr. Mário Sá iniciou uma campanha humorística contra os judeus portugueses, concedendo uma entrevista à *Batalha*, que veio cheia de inexactidões e de erros que é necessário corrigir. Pouco sabe o sr. Mário Sá da história portuguesa para afirmar que os judeus não foram expulsos de Portugal, tendo sido unicamente a religião dos judeus.

«Que a expulsão dos judeus foi um facto, afirmando todos os historiadores de envergadura e não há nenhum garoto do liceu que não tenha feito esta descoberta no decorrer do seu 2.º ano de História! Que é impossível expulsar uma religião! Sem eliminar os seus adeptos, é uma verdade tão conhecida há tanto tempo, que a inquisição dela se serviu, mandando queimar nas praças públicas milhares de judeus.

Numa outra entrevista que o dr. Mário Sá fez e publicou em folheto—ainda devem existir alguns exemplares nas prateleiras dos livrinhos—entusiasmado com a descoberta dos judeus, descoberta que pertence ao dr. Lucio de Azevedo, fez a sua apologia dizendo positivamente o contrário do que escreveu no seu recente livro, *A invasão dos judeus*.

«O sr. Mário Sá, a quem eu dei a conhecer alguns apontamentos sobre Freud, o maior dos escritores científicos do século XX e grande propagandista das ideias operárias, director da Faculdade de Medicina de Viena e Judeu de Sinagoga, a quem os intelectuais russos convidaram a visitar as Universidades Soviéticas da Rússia, porque não compreendeu a sua obra genial—uma culpa não é de Freud—afirma na entrevista que concedeu ao mais lido dos diários *A Batalha*, que a indole judaica é naturalmente oligarquizante e não tem nobres concepções sociais. Vê, sr. redactor, que a culpa não é dos judeus.

«Freud, Einstein, Bergson, três nomes que formam a cúpula mental do século XX, três nomes que são neste instante o facho da humanidade culta, expoentes máximos da cultura médica, filosófica e físico-matemática, ausentes de nobres concepções sociais! Não o acredita V. Ex.ª, não o acredita ninguém—só o descobriu o sr. Mário Sá, que veio com tristeza entrevistado pela *Batalha*».

Agora os nossos comentários: Ao autor da primeira carta poderíamos dizer que temos elementos para lhe provar que há muitos mais elementos judaicos de que supõe, à frente da classe dominante e capitalista. O facto de nos citar que existem judeus pobres e desgraçados, evidentemente não pode demonstrar que não existem judeus ricos, usurários e egoístas. E estes são, como quaisquer elementos da oligarquia, adversários perigosos a combater. Não por serem judeus, mas por serem exploradores.

Quanto aos reparos do sr. Augusto d'Esaguy, devemos dizer-lhe que na entrevista publicada não foi atingido o seu nome, nem se atacaram os judeus que as ciências, as letras, as artes, têm prestado o seu concurso.

Verdadeiramente, o sentido dessa entrevista visava a atacar os judeus, não por serem judeus mas por serem dos mais acançados detentores do capitalismo em todo o mundo.

E poderá alguém provar-nos, honestamente, que elementos judeus, na Inglaterra, na Holanda, na Alemanha e mesmo em Portugal, não fazem parte dominante da sociedade capitalista?

O resto, naquela parte de crítica mais incisiva sobre o judaísmo, não é matéria da responsabilidade de *A Batalha*, mas do sr. Mário Sá.

De resto, o nosso pensamento sobre a matéria estava bem marcado na seguinte passagem com que fechava a entrevista: «Não podemos deixar de ponderar que os nossos ideais libertários, nos impedem de encerrar essa questão das raças, com a estreiteza comum dos critérios vulgares e fevorentamente nacionalistas».

Isto quer dizer que não aceitamos o critério que tenda a colocar os judeus sob a perseguição da outra parte da sociedade. Diremos, mesmo, mais: se amanhã se levantasse um movimento de acção de perseguição a essa raça, não seríamos o primeiro a levantar o nosso protesto.

Mas então—dir-se-á—porque se referiam especialmente aos judeus?

Consentimos nessa entrevista, apenas pelo aspecto que ela encerrava, revelando um dos componentes das forças exploradoras.

Por serem judeus, não. E nunca os nossos ideais consentiriam essa incorrência.

Cremos, que deste modo, e com a maior lealdade, fica esclarecido o nosso pensamento e encerrada a questão.

NACIONAL

Sabemos, que um numeroso grupo de juvenis e alegres coristas irão hoje à inauguração do baile de máscaras que se realiza após a recita do Dicky no Nacional, encontraram-se com muitos artistas a quem marcaram «rendez-vous» para festejar o Deus Mono.

Leiam amanhã, segunda-feira



SUMÁRIO:

A fera à solta—A grande manifestação, por F. de Castro
O direito de matar, por J. B.
Ecos da Semana, de F. C.
Operárias, versos de Saldanha Carreira
O Idealismo e a Vida, por Julião Quintinha
Conselhos dum leão moribundo a seu filho mais velho, por João Pedro Andrade
O suplicio dos intelectuais, por Eduard o Frios

A liberdade da Arte, por F. de C.
Os leitores de livros, por Nogueira de Brito
As mulheres e a moda (com gravuras)
O que todos devem saber...
Chico, Zecas & Comp.ª (com gravuras)
Gravuras: Forças vivas e forças mortas, Definição exacta, por Stuart Carvalhais

No Congresso do Partido Comunista Francês

Trotsky, Monatte, Rosmer e Delagarde são impiedosamente flagelados pelos congressistas

No Congresso do Partido Comunista Francês, recentemente realizado em Paris, flagelou-se rudemente Trotsky e os seus adeptos, franceses pelos seus desvios contra-revolucionários.

O ex-capitão Treint, uma das figuras de mais prestígio actualmente do partido, disse que, quaisquer que fossem os serviços por Trotsky prestados na época heroica da revolução, não se podia passar em silêncio os seus erros presentes, por eles constituir um perigo para o movimento operário.

A direita Internacional, disse ele, procurou desviar a Internacional Comunista. Deixou o caminho do leninismo e passou-se para o do trotskismo; amanhã ela será nitidamente contra-revolucionária e preparará a contra-revolução, como o fez já Suvarine! Eis o que aconteceu aos homens que deviam do seu partido, que renegam o leninismo.

O delegado do comité executivo, falando sobre a crise do partido francês, disse que a região parisiense era a única de todo o Partido Comunista que possuía um aparelho sério capaz de agir e de arrastar as massas; mas que até agora não tinha podido organizar todo o partido de igual modo, porque a isso se opunha a direcção Rosmer-Monatte-Suvarine.

Actualmente, acrescentou ele, esta luta está terminada. Os elementos nefastos do comunismo deixaram o partido sem remissão, e para tais inimigos do proletariado não pode haver qualquer perdão.

Quanto aos camaradas que ficam no partido, mas que hesitam ainda, nos pedimos-lhes primeiro de se desligarem inteiramente dos elementos expulsos do partido, em seguida estudar e aprender, com o partido francês reorganizado, o caminho do leninismo.

Embora não sintamos qualquer simpatia por Trotsky e Monatte, em vista da atitude por eles tomada, em face dos acontecimentos revolucionários desenvolvidos nos últimos anos, nós não podemos, no entanto, reprimir umas certas náuseas, quando os vemos apelar de inimigos do proletariado pelos subordinados de Marcello Cachin, aquele político social-democrata que durante a guerra esteve ao lado do governo francês, e que foi à Itália em missão diplomática oficial por fazer parte da negregada «união sagrada».

«A guerra trouxe consigo um novo sindicalismo», disse Treint no Congresso do Partido Comunista

Durante o seu ataque aos erros de Trotsky, feito no Congresso do Partido Comunista Francês, Treint fez as seguintes afirmações: «Tendes reflectido sobre as diferenças existentes entre o sindicalismo de hoje e o de antes da guerra? Havia nesse momento um sindicalismo revolucionário, que era sindicalismo de seita, não atingindo as massas; e um sindicalismo de massas, que como o da Alemanha se orientava pelo reformismo.

«Hoje a situação mudou. O capitalismo não pode manter uma aristocracia operária e não pode conceder reformas. Esta situação levou à criação em França da C. G. T. Unitária, e nós assistimos agora à criação duma esquerda na Internacional de Amsterdão.

Desapareceu, pois, da França o velho sindicalismo de seita e reformista, e o resultado foi ficarem as forças operárias dispersas em vários organismos, uma parte encontrando-se na velha C. G. T., sob o domínio de Jouhaux e dos políticos reformistas; outra na C. G. T. Unitária, submetida aos comunistas, e a parte restante, que não quis aceitar a coleiça de qualquer partido político, viu-se obrigada a alistar-se das duas Centrais e proclamar a sua autonomia.

Portanto, em vista destas perigosas consequências, era caso para que os paladinos da «unidade operária» condenassem formalmente o afastamento do sindicalismo do caminho que trilhava antes de ter rebentado a conflagração europeia.

Eden Teatro

HOJE, às 3 horas da tarde

MATINEE promovida pelas Associações de Classe dos Trabalhadores de Teatro e dos Troupeiros Portugueses a favor do seu cofre de pensões

Espectáculo sensacional

Às 9,30 da noite

pela COMPANHIA OTEL DE CARVALHO

Estreante alegria

DESPORTOS

FUTEBOL

Desafios oficiais a realizar hoje

1.ªs Categorias—Vitória-Bemfica, no Campo Grande, às 15,30; juiz, o sr. Jorge Vieira. Chelas-Carcavelinhos, no C. Grande, às 13,30; juiz, o sr. João dos Santos Junior.

2.ªs Categorias—Casa Pia-Belenenses, no Restelo, às 13; juiz, o sr. Augusto I. Ramos. União Lisboa-Portugal, em S. Amaro, às 13; juiz, o sr. Raimundo Monteiro.

3.ªs Categorias—Chelas-Carcavelinhos, em Chelas, às 11; juiz, o sr. José Travassos.

4.ªs Categorias—Casa Pia-Belenenses, no Restelo, às 11; juiz, o sr. Joaquim Bogaalho. União Lisboa-Portugal, em S. Amaro, às 11; juiz, o sr. Engenheiro C. Neves.

Promoção. 1.ªs Categorias—Operários-Marvilense, em S. Vicente, às 13,30; juiz, o sr. João J. Tavares da Silva. Cruz Quebrada-Hockey, em S. Vicente, às 15,30; juiz, o sr. Julio Canuto de Almeida.

2.ªs Categorias—Fósforos-Operário, em Marvila, às 13; juiz, o sr. Mario A. Oliveira. Chelense-Marvilense, em Marvila-B, às 13; juiz, o sr. José A. Oliveira.

3.ªs Categorias—Hockey-Cruz Quebrada, nas Laranjeiras-A, às 11; juiz, o sr. Pedro Fortes Figueiredo.

4.ªs Categorias—Fósforos-Operário, em Marvila, às 11; juiz, o sr. Fernando Pereira. Chelense-Marvilense, em Marvila-B, às 11; juiz, o sr. Virgílio Fernandes.

Taga «Guilherme Pinto Basto»

1. S. Técnico—1. S. Comércio, no Lumiar-A, às 13; juiz, o sr. Rogério P. Cardoso. F. de Medicina—Escola Militar, no Lumiar-A, às 15; juiz, o sr. António Braz. F. de Direito—F. de Ciências, em S. Vicente, às 13; juiz, o sr. José D. Fernandes. I. M. Veterinária—1. S. Agronomia, em S. Vicente, às 15; juiz, o sr. Mario Marques Silva.

Escolas Secundárias.—Grupo A—Escola A. Domingues-Escola Académica, na Estrela, às 14,15; juiz, o sr. Humberto Mayer. Escola Nacional-Liceu Pedro Nunes, na Estrela, às 13,15; juiz, o sr. António Ferreira.

Grupo B—Escola Académica-Instituto Pápius, na Estrela, às 12; juiz, Diogo Ferreira. Asilo Maria Pia-Liceu Pedro Nunes, na Estrela, às 10,45; juiz, o sr. Carlos Pereira. Escola A. Domingues-Escola Nacional, na Estrela, às 9,30; juiz, o sr. Ivo Tóres de Sousa. Liceu Gil Vicente-Escola M. Pombal, em S. Vicente, às 10,45; juiz, o sr. Nuno de Freitas. I. Pereira de Sousa-Escola Veiga Beirão, em S. Vicente, às 9,30; juiz, o sr. Carlos de Figueiredo.

Futebol Internacional

Vem em viagem, com destino à Europa, uma selecção organizada pelo Club de Foot-ball de São Paulo—Brasil—e um forte grupo uruguay, possivelmente constituído por elementos que conquistaram com brilho o primeiro lugar nas últimas Olimpíadas.

Dá-se como certa a visita destes fortes agrupamentos a Portugal, satisfazendo, nesse caso, um desejo de há muito ambitionado, pelos nossos desportistas, que terão ensejo de poder apreciar a boa classe dos chutadores sul-americanos.

Agremiações várias

Juventude Comunista de Lisboa.—Reúne a comissão reconstitutiva, apreciando a caracteristica de trabalhos a elaborar para a próxima conferência juvenil comunista, resolvendo nomear o sócio auxiliar Caetano de Sousa, para redigir alguns dos mesmos.

Esta comissão reúne hoje, às 13 horas, na nova sede, Rua Caetano Palma, (sede do Sindicato dos manipuladores de Pão), pedindo a todos os camaradas que tenham quaisquer pertences do núcleo a fazer a sua entrega, o mais breve possível.

Associação dos Inquilinos.—Reúne a assembleia geral amanhã, pelas 16 horas, no Largo do Intendente, 45, 1.ª, a fim de se nomear uma comissão de 10 sócios para assinares a escritura dos estatutos.

Academia de Amadores de Música.—Na próxima quinta-feira, às 21 horas, realiza-se uma festa musical promovida e despenhada pelos alunos das várias classes de música e canto.

Teatro Apolo

HOJE -- HOJE

HOJE -- HOJE

HOJE -- HOJE

HOJE -- HOJE

HOJE -- HOJE

HOJE -- HOJE

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

A festa dos «Chauffeurs» no Coliseu

Está despertando um extraordinário interesse o grande festival que uma comissão de «chauffeurs» promove no próximo dia 17, no Coliseu dos Recreios. O programa que é magnífico, tem interessado muito os meios desportivos, a quem a festa é dedicada.

Os camarotes e tribunas do Nacional, estarão hoje repletos de gentis damas que depois de aplaudirem os «dicks» travarão uma luta de «confettis» com os mascarados que ali se reúnem, inaugurando os bailes de máscaras.

Ha grande animação pelas festas do carnaval, no Eden, as quais começam no próximo sábado.

A revista «Fruita Proibida» continua sendo o grande éxito da actualidade. Hoje, no Eden, é o último domingo em que ela se representa.

Na noite de hoje publico neste novo e interessante teatro juvenil, da rua das Escolas Gerais, para animar as férias de verão, uma obra original e bela obra literária, encenada com o maior esmero, pelo notável ensaiador que se chama Araújo Pereira, e apresentada contra o mássimo talento pelas suas discipulas adultas, artistas já consumadas, que correm através de toda a peça, atingem nalgumas cenas um desempenho invulgar e magistral.

Ha hoje o último domingo em que se apresenta no publico a grande companhia de circo que ao Coliseu dos Recreios tem feito um notável sucesso. Amanhã faz a companhia as suas despedidas com a festa artística, em espectáculo de qualidade, do exímio professor de equitação Roberto de Vasconcelos.

CONFERÊNCIAS

«A classe média»

Realiza-se hoje, pelas 21 horas, na Associação de Classe de Empregados de Escritório, rua da Madalena, 225, 1.ª, uma conferência pelo dr. sr. Amâncio de Alpoim, sob o tema: «A classe média».

A entrada é pública.

Curso Popular de Direito Político

Hoje, pelas 9 e meia da noite, realiza o dr. sr. Rodrigues Migueis, na Universidade Livre, praça Luís de Camões, 46, 2.ª, a terceira lição pública de Direito Político.

Baixa de preços

Nos Armazens Reguladores do Comissariado é feita amanhã uma nova baixa de preços sobre os seguintes artigos: açúcar de diversas qualidades, 10 centavos em quilo; banana em rama, 1800; bacalhau, 23; chouriço de carne, 1300; farinha láctea, \$50 em lata; feijão e grão, \$10 e \$20 nas diversas qualidades.

Funcionalismo Municipal

A direcção do Grémio dos Funcionários do Município declara que, contrariamente às afirmações de um vereador, numa sessão do Senado Municipal, a «Reorganização de Serviços» pendente ainda do Tribunal da Relação, tem sentença favorável aos funcionários da primeira instância e que a segunda, ainda se não pronunciou, e que se não fez a consulta aos funcionários sobre uma reorganização de serviços, conforme esse vereador disse.

Teatro Nacional

HOJE E ATÉ SEXTA-FEIRA

A LINDA COMÉDIA DICKY

SHRADO, 21: a hilarante peça

INGLESES

DOMINGO, 22: a delicada

HORA DE AMOR

Segunda-feira, 23: repete-se o DICKY

Tercça-feira, 24:

INGLESES

HOJE

2 BAILES DE MÁSCARAS 2

na rua Saldanha e o outro na sala de espectáculos, abrigados por 2 bandas de música

Sábado, domingo, segunda e terça-feira

4 GRANDIOSOS BAILES 4

Segunda e terça em «matinée»

BAILES INFANTIS

Os bilhetes para estas diversas vendas no camaroteiro

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

CONSULTAS NO PORTO

Hoje, às 15 horas, o dr. Campos Lima dá as suas costumadas consultas no local do costume, a todos os operários confederados que de tal necessitem e que apresentem as suas cadernetas confederadas.

EM PORTIMÃO

No comício de protesto contra a crise de trabalho e U. I. E. aprovam-se duas moções

PORTIMÃO, 10.—Realizou-se no passado dia 8 do corrente um comício público, promovido pela U. I. E., onde foi debatida a crise de trabalho e baixa de salário.

Preside Valongo, secretariado Vitor Manuel e Elói. Expostos fins do comício, o presidente dá a palavra a Raul Duarte, da U. I. E., que diz que a União, que representa o operariado organizado desta localidade, não podia deixar de vir à praça pública erguer a sua voz de protesto contra a situação crítica que o operariado atravessa. Analisa as intenções da U. I. E. que pretende impor ao povo uma atitude de Rêver a Mussolini. Critica a atitude dos governos da república, que há 14 anos que se sucedem sem que tenham cumprido aquilo que prometiam.

Referindo-se ao assunto crise de trabalho e baixa de salário, diz que na verdade se verifica que andam muitos operários sem trabalho, não porque haja falta, mas sim o firme propósito dos industriais não quererem a laboração das suas fábricas e oficinas para obriarem pelo *chômage*, a que os operários consentam na baixa de salário.

Exorta o povo a que esteja de atalaia contra a arremetida das «forças vivas». Augusto dos Dôres, delegado da F. C. C., ataca as «forças vivas» dizendo haver a necessidade de os trabalhadores se unirem, empregando todos os meios de que se possa dispor a fim de enfrentar qualquer movimento que pretenda estabelecer em Portugal um governo como o da Espanha e Itália.

Diz haver 75 fábricas em Olhão e apenas 5 estão em laboração e mesmo estas com o pessoal reduzido, trabalhando-se só 4 dias por semana.

Fala da miséria que lava por todo o país incitando o povo a trabalhar e ingressar nos seus sindicatos.

Prepara-se um golpe certo à Liberdade

José da Silva, pela organização de Lagos, aconselha com calor, o povo trabalhador a organizar-se para assim poder defender-se das arremetidas dos políticos e «forças vivas».

Francisco Verissimo, da F. Maritima, diz ser a crise a preparação dum ambiente para um melhor e mais certo ataque à Liberdade, pelo que os que a amam devem empregar todos os meios ao seu alcance de maneira a evitar que ela seja tolhida. Alfredo Pinto, da C. G. T., diz que o organismo que representa, exorta o operariado a preparar-se por que o momento é crítico. Refere-se ao atraso da nossa lavoura, tendo palavras de indignação contra aqueles que, deixando as terras improdutivas, perseguem atrozmente os trabalhadores rurais.

Referindo-se a crise nas outras indústrias, dizendo obedecer ao intuito de os industriais derrubarem as 8 horas, que tanto sacrifício custaram à organização operária, o que não deve ser consentido, custe o que custar.

Referindo-se a acção das «forças vivas» exorta o povo trabalhador a que saiba responder ao apelo que a C. G. T. vem fazendo, no sentido de evitar que as «forças vivas» se guindem ao poder por meio da revolução.

Um discurso do professor Buizel

Buizel refere-se às ditaduras em diversos países, demonstrando com farta argumentação os crimes por elas praticados, que têm custado à humanidade rios de sangue, sem que com isso os tiranos tenham conseguido sair vitoriosos. Referindo-se a crise de trabalho, descreve por uma forma clara e concisa a não razão da sua existência, por achar um *truc* dos industriais e financeiros

Secção telegráfica

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

Borba.—Trabalhadores Rurais.—Procuração para advogado basta ao nome do mesmo e residente em Lisboa. Vá ofício

Vitória.—Trabalhadores Rurais.—Queiram enviar duplicado, de Vicens Varela, para Tribunal Arbitral Vitórias, mas em papel comum de 25 linhas, não é preciso selado.

METALURGICA

Quilino Moreira.—Electricista.—1.º favor passares por esta Federação, às 12,30 horas, hoje.

Os rendimentos dos operários

Depois de pensado no posto da Cruz Vermelha, no Terreiro do Paço, recolheu a enfermaria de São Francisco, do hospital de São José, Raul de Oliveira Bonet, 38 anos, ferroviário dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, rua Marques da Silva, vila Januária, 15, que caiu na estação do Terreiro do Paço, fracturando a perna direita.

Presos para o hospital

Vindos da cadeia do Limoeiro, onde adoeeceram, deram entrada ontem no Banco do hospital de São José, os reclusos Alberto Henriques Neves, de 26 anos, natural de Goês, e Filipe José da Costa, de 28 anos, pintor, natural de Lisboa, os quais depois de observados pelo cirurgião de serviço, recolheram, o primeiro à enfermaria de São Sebastião do hospital de São José, e o segundo à enfermaria n.º 2 do de Arroios.

Rodas «Ocas»

A melhor praça de teatro chegou nova realeza. Dirigi-los pelos drs. FRANCISCO P. L. X. A. Tabacaria ou Quisque do Largo do Conde Barão, 33. Deixar: 500\$ 100...

COLISEU DOS RECREIOS

HOJE = 2 SENSACIONAIS ESPECTÁCULOS 2 = HOJE

Penúltimo dia da Grande Companhia de Circo

A's 14,30 (2 e meia)

ÚLTIMA E GRANDIOSA «MATINEE»

EXERCÍCIOS VARIADOS E EMOCIONANTES

O melhor, mais alegre e mais barato espectáculo de Lisboa

Amanhã — Espectáculo da moda e despedida da Companhia

FESTA ARTÍSTICA do exímio professor de equitação Roberto de Vasconcelos

CARNAVAL

Sábado—1.º espectáculo e baile de máscaras

Domingo—1.ª «matinée» e baile infantil

deslumbrantes ornamentos e iluminados

BILHETES DE CAMAROTES À VENDA PARA QUALQUER DOS QUATRO DIAS

para, levando o povo à miséria, cercar-lhe as mais caras realiaes, como seja o desaparecimento das 8 horas e diminuição de salários.

O povo, diz, não deve consentir que as forças vivas tripudem mais, sob pena de bem tarde poder novamente levantar-se contra todos os desmandos dos políticos. Depois de algumas considerações do presidente—são aprovadas duas moções que têm as seguintes conclusões:

As reclamações sobre crise de trabalho

1.ª Reclamar da Câmara Municipal de telha concelho como medida imediata, o seguinte: Que seja dado cumprimento à postura que obriga os senhorios a fazerem as frentes aos prédios e reparação dos mesmos em ruínas, assim como a demolição daqueles que se verificarem inabitáveis, garantindo-se antecipadamente alojamento para os seus inquilinos, a edificação dum bairro social, a construção dum edifício da escola oficial, acabamento da escola industrial, construção dum outro lavadouro público, que atenda às necessidades da população, acabamento do balneário, continuação, até à sua conclusão, dos canais de esgoto e canalização de água, reparações de todas as ruas que delas necessitem. Não esquece esta União a necessidade imperiosa da reparação das estradas que confinam com esta cidade numa extensão não inferior a 5 quilómetros.

2.ª Para a indústria de conservas, em último caso, a mobilização de uma ou mais fábricas cuja elaboração seria dirigida pelo conselho técnico da respectiva classe, e fiscalizada pelo governo, adoptando-se igual critério para as classes piscícolas.

3.ª Que, quanto à indústria de calçado, esta União devidamente autorizada pelo povo aqui reunido, exorta esta classe dando-lhe todo o seu apoio, a que procure conquistar no mais curto prazo de tempo a centralização da classe em oficinas amplas e higiénicas, única forma de serem debeladas as crises de trabalho.

4.ª Exigir a quem de direito competir a imediata reparação e continuação conservação da ponte que liga esta cidade a Ferragudo.

5.ª Esta União indica a todos

E é a casa que fornece em melhores condições,



MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

Em nome da "unidade sindical" a C. G. T. Unitária deseja estabelecer a frente única com os traidores reformistas da velha C. G. T.

Aproveitando-se do iminente perigo fascista, o conselho confederal da C. G. T. Unitária tomou de novo a iniciativa de dirigir uma carta à velha C. G. T., propondo-lhe a realização em Setembro próximo dum congresso comum de unidade.

Depois de se referir ao fracasso de todas as tentativas feitas até à data neste sentido pela C. G. T. Unitária, o comité confederal deste organismo propõe no final da sua referida carta o seguinte:

Emfim, para facilitar a solução desta questão de ordem prática, nós vos submetemos a proposta duma "Conferência mista" dos dois conselhos confederais, que seria encarregada de examinar as disposições relativas à realização do congresso inter-confederal da unidade.

A conferência do movimento minoritário em Inglaterra

O movimento nacional minoritário inglês, que pretende substituir na direcção do movimento trade-unionista inglês os políticos trabalhistas pelos sequeiros de Moscova, realizou uma conferência "unitária" em Londres.

No dizer da *Humanité* assistiram a esta conferência 630 delegados, representando mais de 600.000 operários, dos quais muitas mulheres, tendo presidido aos trabalhos o conhecido militante, Tom Mann.

Na abertura da sessão, Tom Mann, apontando o retrato de Lênine, recordou que o maior "leader" operário do mundo tinha sido enterrado no quarto domingo de Janeiro de 1924. Imediatamente todos os delegados se levantaram e um longo silêncio se estabeleceu, enquanto os órgãos tocavam uma marcha fúnebre!

Em seguida leu-se o discurso, que devia ser pronunciado por Cook, no qual este preconizava, para se chegar à unidade do movimento operário, a organização dos operários por indústria e a ligação de todas as indústrias nacional e internacionalmente, enfim, que cada luta ofensiva e defensiva fosse travada nacional e internacionalmente.

A Conferência votou uma moção contra a militarização dos operários dos caminhos de ferro, e convidou o conselho geral das "Trade-Unions" a convocar imediatamente um congresso extraordinário para tomar posição contra a militarização dos operários.

Os fascistas embora sem resultados, tentaram impedir as reuniões das conferências, lançando na sala, um dia de manhã cedo, gazes envenenados.

Tal como sucedeu em França com os políticos dirigentes da C. G. T. U., os chefes reformistas e os funcionários das "Trade-Unions" acusam agora os minoritários de quererem aniquilar o movimento sindical inglês.

Todavia, é preciso notar que, enquanto em França lutam os minoritários por expulsar do movimento operário o vírus terrível de política, os minoritários ingleses querem unicamente substituir os políticos amarelos pelos vermelhos na direcção dos sindicatos.

É só uma questão de cor, e não de princípios, coisa muito diferente do que pretendem os minoritários franceses.

Uma greve geral em Louz

Conforme fôra previamente combinado nos fins do mês passado, desencadeou-se uma greve geral que transformou radicalmente a situação dos operários têxteis. Se a luta destes trabalhadores tinha sido até então um carácter pouco uniforme e terciária aos padrões a perspectiva de que terminaria com pequenas concessões, a situação depois tornou-se gravíssima, pois com a participação de todo o proletariado de Louz, aumentou enormemente a vontade de luta das massas operárias.

Enquanto a greve apenas afectava alguns trabalhadores têxteis, os patrões recusaram a fazer qualquer negociação e não queriam aceitar muitas tentativas do governo para submeter o conflito a uma comissão arbitral. Mas desde que foi decretada a greve geral e que os operários em massa protestaram contra a miserável situação em que se debatiam os patrões apressaram-se a aceitar a formação duma comissão arbitral que ficou composta de três delegados operários e de três representantes dos patrões.

Depois dum longo debate, os operários conseguiram a seguinte vitória:

- 1.ª — Todas as categorias de trabalhadores obtêm um aumento de salários de 10%.
- 2.ª — Este aumento começará a ser pago no mês seguinte à greve.
- 3.ª — A decisão arbitral é obrigatória até 31 de março de 1925 e permanecerá em vigor até ser denunciado por uma das partes.

Preparando a luta nas minas alemãs

Já é sabido que o último movimento de salários em todos os distritos mineiros da Alemanha foi resolvido por uma série de decisões arbitrais.

A última arbitragem para o território do Ruhr foi declarada obrigatória contra a vontade de ambas as partes. Concedeu-se aos mineiros um simples aumento de salários de 4 a 5 %, o que, praticamente, quer dizer a continuação do regime da fome. Por outro lado, os empresários declararam que não podiam pagar esses aumentos de salários e recomendaram mais encarecidamente a luta, sabendo a produção com novos encarecimentos de fábricas.

Nas minas de Linthe, na Alemanha, a situação agravou-se nestes últimos dias. Os mineiros pedem o restabelecimento do dia de 8 horas de trabalho em vez de 10 ou 12 que fazem actualmente.

O sindicato convocou para muito breve uma conferência dos mineiros da Alemanha Central.

CONTRA O MOVIMENTO DAS "FORÇAS VIVAS"

"Não consentiremos — brada o país inteiro à União dos Interesses Económicos — que continueis tripudiando sobre o nosso sofrimento e a nossa miséria!"

Os ferroviários do Minho e Douro participam ostensivamente em todos os movimentos contra a U. I. E.

PORTO, 12. — Presidida pelo camarada Mateus Ramos Vieira, que teve a secretária-lo Porfirio Miguel e Manuel Gonçalves Alegria — efectuou-se uma importante assembleia magna dos ferroviários do Minho e Douro, a convite da direcção da União Ferroviária.

Esta reunião, de características acentuadamente morais, foi exclusivamente para resolver qual a directriz a seguir em face do golpe que as "forças vivas" pretendem vibrar nas franquias já conquistadas a poder de tantos sacrifícios.

Depois de explicados estes fins pelo secretário geral da U. F. V., João José dos Santos, e do presidente da assembleia, comunicar que assiste um delegado da União dos Sindicatos Operários, Saul de Sousa — este prende por algum tempo a assistência, referindo-se largamente aos intuitos reaccionários dos magnatas da alta finança: os nefastos conjurados da União dos Interesses Económicos esforçam-se por impôr ao país uma odiosa ditadura com a qual possam, em maior escala e mais revoltantemente, oprimir e roubar o povo produtor.

Faz uma história sucinta da miserável situação ditatorial em que se encontram a Espanha e a Itália, para cujos dirigentes vai toda a sua repulsa, e declara: a vingança dos maquiavélicos planos das sinistras hordas da reacção comercial, industrial e financeira, é preferível então todo o operariado dar um tiro na cabeça, se antes não preferir morrer na barricada...

Protesta-se contra a atitude do parlamento

João Vicente, depois de combater energicamente as forças ultramontanas do "olho vivo", lê uma carta de Adriano Monteiro, na qual explica as razões porque não pôde comparecer à reunião. Estando com ela em espírito, manifesta a sua opinião acerca da atitude a tomar perante a ameaça da ditadura dos "exploradores do proletariado", protesta contra uma parte dos parlamentares que covardemente defende as negregadas "forças vivas" e revolta-se contra a imprensa mercantilista por se colocar ostensivamente ao lado dos especuladores do povo oprimido. Aceita sem relutância, incondicionalmente, todas as manifestações do proletariado, incluindo mesmo aquelas que assumam um carácter violento contra a alta finança e o comércio ladravazes. Sobretudo faz acusações a Cunha Leal, esse tipo de "ridícula memória, que se vai tornando mais repugnante à medida que a sua provocadora postura contra o proletariado, escarnecendo-lhe a miséria, se vai arrogantemente evidenciando...

José de Sousa Teixeira afirma estar soando a hora da Revolução para a qual é indispensável toda a acção da classe ferroviária, que não se deve deixar levar pelas pretensões dos covetores do povo.

Salienta-se a acção da C. G. T.

Francisco Pinto, Miguel Moura e outros salientam a acção que a C. G. T. está desenvolvendo, verberando os projectos das forças vivas e exortando os ferroviários a que se incorporem nas manifestações que a U. S. O. possa levar a efeito, provando assim a sua repulsa contra a ditadura dos "taquinhos", e envenenadores da indústria, do comércio e da agricultura.

João José dos Santos, voltando a usar da palavra, afirma ser um desluzido dos políticos e não confiar em José Domingues dos Santos, em virtude de ter traído a acção dos ferroviários em 19 de Outubro.

Exteriorizando a sua repulsa pelas imprópriamente chamadas forças vivas, apresenta a seguinte moção, que também é assinada por António Pinto Fernandes, Maximiano Peres e José Soares de Pinho:

"Atendendo ao grave momento que atravessa a classe trabalhadora em presença de um projectado movimento para implantar uma ditadura da alta finança, do alto comércio e da alta indústria; os ferroviários do Minho e Douro reunidos em assembleia magna resolvem:

- 1.ª Acompanhar e dar força ao movimento dos Sindicatos Operários tendente a uma oposição formal ao referido projectado movimento das "forças vivas";
- 2.ª Continuar fazendo a máxima propaganda em todos os locais apropriados para a defesa dos princípios de liberdade, empregando para isso toda a sua energia e boa-vontade."

Bernardino António da Silva Pereira apresenta também a seguinte moção:

Propõe-se a organização de grupos de acção com carácter secreto

"Considerando que a alta finança, comércio e demais oligarquias suas aliadas continuam a roubar e a envenenar o povo produtor e consumidor;

Considerando que esses componentes do "olho vivo" estão presentemente tomando uma atitude de declarada hostilidade, não só contra o operariado e restante população do país, mas também contra o regime;

Considerando que a U. I. E., representante das supraditas camadas exploradoras, coligada com elementos reaccionários e alguns políticos de rancorosa peçonilha, planeia, por todas as artimanhas ao seu alcance, assaltar o poder, para assim, armando-se em ditadora do povo, estrangular a pouca liberdade que a custo conseguimos possuir, sendo-lhe, desse modo, mais facilmente possível trair o proletariado, a quem essa alta ferozmente odeia;

Considerando, finalmente, que para esses poltrões não conseguirem os seus nefastos objectivos estão já o operariado e muitas colectividades populares e liberais do país manifestando publicamente a sua repulsa contra tais afrontas, estando, por isso, a preparar-se para uma tenaz defensiva; os ferroviários do Minho e Douro, reunidos em assembleia magna exclusivamente convocada para apreciar tão momentoso assunto, resolvem:

- 1.ª Apoiar todas as resoluções tomadas pela C. G. T., secundando o movimento que, porventura, a mesma se veja na contingência de proclamar;
- 2.ª Organizar, imediatamente, no meio ferroviário, grupos de acção com carácter secreto, para, no momento oportuno, defender com energia a liberdade ameaçada;
- 3.ª Que a U. F. V. se faça representar em todas as manifestações que a U. S. O. venha a promover neste sentido;
- 4.ª Dar conhecimento do conteúdo desta moção à C. G. T., U. S. O., o jornal *A Batalha* e a imprensa local."

Aprovadas unanimemente estas moções, a reunião terminou aos vivas à C. G. T. e a *A Batalha* e abaixo às forças do "olho vivo", etc. — C.

Uma manifestação no Porto contra os desígnios da U. I. E.

PORTO, 12. — Na reunião do conselho federal foram apreciadas duas circulares da C. G. T. acerca da atitude das "forças vivas" e da tentativa da redução de salários e do aumento do horário de trabalho.

Um membro da comissão de agitação declara que as circulares da C. G. T. estão de harmonia com os trabalhos da comissão, a qual, além da sessão que realizou na Arrábida, tem enviado representantes a outras reuniões que se têm efectuado exclusivamente contra os manejos dos reaccionários da U. I. E. A comissão teve conhecimento duma projectada manifestação ao governo. Embora não queira que a organização se imiscua em política, entende, todavia, que a essa manifestação não podia ficar indiferente o operariado. Por isso, nos manifestos que a comissão fez distribuir, houve o cuidado de se convidar o povo produtor, não para apoiar o governo, mas para exuberantemente se manifestar contra os desígnios da União dos Interesses Económicos, pública e rotundamente demonstrando que não está na disposição de consentir que ela se apodere do poder e atire sobre o país com a sua selvática e odiosa ditadura.

Lido um exemplar do manifesto editado pela Comissão de Agitação, o Conselho manifesta a sua concordância com a comissão, desejando que a sua acção se estenda às freguesias limítrofes.

A circular da C. G. T. sobre as instruções relativas ao movimento reaccionário das forças do "olho vivo" é unanimemente aceite, baixando à comissão respectiva aquela que se refere à crise de trabalho.

O comício de hoje em Cascais, contra a ditadura patronal

As Associações dos Operários da Construção Civil, existentes no concelho de Cascais, convidam as restantes classes trabalhadoras deste concelho a assistir ao comício público que estas Associações promovem hoje, pelas 14 horas, para tratar da crise de trabalho e da atitude das "forças vivas" para com a classe trabalhadora.

Neste comício que se realiza em Cascais, devem fazer uso da palavra delegados da C. G. T., e das Federações da Construção Civil, Marítima e Juventude Sindicalista.

As associações promotoras fizeram distribuir um vibrante manifesto, onde defendem a Liberdade, ameaçada pelo perigo reaccionário da U. I. E.

Pessoal da Fábrica de Barcarena

BARCARENA, 14. — O pessoal da fábrica da pólvora, cumprindo o seu dever de operários e explorados, também abandonou em massa o trabalho, tendo ido incorporar-se na manifestação ao Chefe do Estado.

Os reaccionários da terra e os "forças vivas" é que não gostaram nada desta atitude. — C.

O protesto dos rurais de Cano

CANO, 13. — Os trabalhadores rurais reuniram no seu organismo de classe, em grande maioria, para se ocuparem do movimento contra a União dos Interesses Económicos.

Falaram vários trabalhadores, tendo a obra das "forças vivas" merecido aos oradores um ataque violento.

Foi aprovada a seguinte moção:

- 1.ª Protestar contra o movimento das "forças vivas";
- 2.ª Caso esse movimento consiga os objectivos dos seus promotores os trabalhadores por todos os meios ao seu alcance combatam o mesmo;
- 3.ª Dar todo o apoio à C. G. T. em qualquer movimento contra a ditadura."

Em Mortágua

Promovida pelo Comité de Propaganda Confederal de Coimbra, realiza-se hoje, nesta vila, uma sessão de propaganda sindical e de protesto contra a acção das "forças vivas".

Assistirão dois delegados de Coimbra.

Em Coimbra

Na próxima semana deve realizar-se uma sessão de protesto contra os manejos criminosos da crápula que têm imposto o mando sobre o país, governando-se a seu belo talante.

Na Figueira da Foz

Promovida pela Comité de P. Confederal de Coimbra, deve realizar-se nesta cidade num dos próximos dias da semana, uma sessão de protesto contra os manejos reaccionários que, chefiados por fascistas confesos, têm por fim impôr uma ditadura odiosa.

LER E ASSINAR Os Mistérios do Povo

O conflito com os Trabalhadores do Tráfego de Lisboa

Duvindo a comissão do pessoal

Em nota do respectivo sindicato, demos há dias a notícia da eclosão dum conflito entre os trabalhadores do tráfego do porto de Lisboa e a Empresa de Tráfego Limitada.

O conflito, perdido entre o noticiário, não ofereceu ao leitor a importância da gravidade que encerra, não podendo por ele deduzir-se dos prejuízos que advêm com a paralisação dos serviços adstritos àquele ramo de serviço.

Falamos ontem com a comissão do sindicato, discretando-nos a mesma sobre as causas remotas e presentes do conflito.

A pergunta do estilo, obtivemos a seguinte resposta:

— Há quatro dias, que o lock-out decretado pela Empresa de Tráfego Limitada forçou o pessoal à mais dura contingência — não trabalhar.

— Em que se fundamenta o lock-out?

— Desde que se constituiu a Empresa de Tráfego, substituída da Exploração do Porto de Lisboa, os serviços de cargas e descargas nos entrepostos do porto de Lisboa têm-se feito atrabiliariamente sem espírito de distribuição de trabalho, e com uma série interminável de anomalias.

— Calcule, prossegue o nosso entrevistado, que com o processo seguido pela Empresa em referência havia trabalhadores que nunca eram contados, utilizando-se ela dum reduzido numero para a mais desenfreada exploração, sem respeito pelos que morriam de fome.

— De ali resultou que a Empresa só num ano conseguiu um lucro bonito de cerca de 2000 contos!

— De forma que foi para salvaguardar... — Exactamente. Foi para salvaguardar os legítimos interesses dos trabalhadores do tráfego que a Associação respectiva elaborou um regulamento em que se fixava que "as descargas gerais de navios, obedecem ao princípio de contra-marca, não podendo portanto os sócios passar dum para outro algum."

— E ficava deste modo garantida a distribuição de trabalho?

— Perfeitamente assegurada, meu caro. Por aquele regulamento, não só se atenuaria a crise de trabalho, pelo rasteio do mesmo, como evitaria as anomalias que tantos prejuízos causaram.

— E como recebeu a Empresa o regulamento?

— Aceitou-o, em princípio, mas após quatro dias mandou chamar o Sindicato e declarou-lhe inopidamente que não se conformava com o regulamento.

— Como o Sindicato lhe ripostasse, a empresa declarou o lock-out.

— E é nesta situação que o pessoal há quatro dias se encontra, estando por consequência, os serviços de cargas e descargas adstritos à Empresa do Tráfego — que formam a quasi totalidade — completamente paralisados.

— E qual é a posição do vosso organismo de classe?

— Já o declaramos publicamente.

— Encontra-se habilitado a fornecer às agências de navegação todo o pessoal necessário para os serviços adstritos à sua especialidade, enquanto o conflito se não solucionar.

— E note, afirma o nosso interlocutor, essa solução só se conseguirá com a aceitação do nosso regulamento, embora isso pese à empresa que tanto nos tem explorado.

— E não, afirma o nosso interlocutor, essa solução só se conseguirá com a aceitação do nosso regulamento, embora isso pese à empresa que tanto nos tem explorado.

Lêde o Suplemento de A BATALHA

SOLIDARIEDADE

A favor de Eduardo Jorge

E' hoje, às 14 horas, que se realiza a "matinée" em auxílio de Eduardo Jorge. Nela toma parte o Grupo Dramático Ajuda Clube e a Tuna Alfredo Ribeiro Teixeira. O exímio guitarrista Luciano Gonçalves Pinto e o seu apreciado violão Joel Barradas, executarão vários números. Sob a scena «O Gaiato de Lisboa», em 2 actos e a hilarante comédia "Pascoa e Quaresma". Joel Barradas, cantará canções brasileiras. Alvaro de Sousa e J. Marques, também por especial deferência, cantarão várias canções. O apreciado cultivador Júlio Prouença, cantará, também, acompanhado à guitarra.

A Tuna, executará, durante os intervalos, um escolhido repertório.

Em favor dum enfermo

Promovida por uma comissão de amigos, realiza-se amanhã, às 21 horas, no Salão de Festas do Sindicato da Construção Civil, uma grandiosa festa de homenagem a favor do operário arsenalista Eduardo "Espingardeiro", que há longos meses se encontra enfermo.

O programa é o seguinte:

- 1.ª parte: "1.º de Maio", drama social em 1 acto, original de Flávio da Fonseca;
- 2.ª parte: Acto de variedades desempenhado por vários amadores e em que toma parte o apreciado "ventriloquo" Carlos Baptista;
- 3.ª parte: Grandioso concílio poético pelos cultivadores da Canção Nacional Artur do Intendente, Manuel Pianista, Cândido Sapateiro e Machado Ourives.

Abrihanta esta festa a trupe de Bandonistas e Excursionista "Os Bem Unidos".

Pró-Júlia Cruz

Como temos anunciado, realiza-se hoje, no Salão Teatro da Construção Civil, uma festa em auxílio de Júlia Cruz. Do programa consta o drama em 1 acto, de Campos Lima: "A Ceia dos Pobres"; um acto de variedades em que toma parte a conhecida amadora, Carolina Ferreira; a comédia "Malditas Letras"; o ilusionista Lingg, e a afamada Troupe de Bandonistas Familiar "Os Bichinhos". Os poucos bilhetes que restam estão à porta à venda.

A porta de João dos Santos

E' hoje que no Sindicato dos Criados de Mesa, pelas 21 horas, se realiza uma festa de solidariedade a favor do camarada descarregador João dos Santos, que há já longos meses se encontra gravemente doente.

VIDA SINDICAL

C. G. T.

Conselho Confederal
Reúne terça-feira, pelas 21 horas.

U. S. O.
Conselho de Delegados

Para assunto de máxima importância, reúne amanhã, pelas 21 horas.

COMUNICAÇÕES

Federação Mobiliária. — *Conselho Federal.* — Reuniu ontem aprovando a acção e tratando vários assuntos de carácter interno. Foi apreciada a atitude da C. G. T. perante os últimos acontecimentos, sendo aprovada uma moção na qual se incumbem os delegados deste organismo ao conselho confederal de lá afirmarem os pontos de vista ideológicos desta Federação.

Apreciou-se o relatório moral da comissão administrativa que foi aprovado, bem como o relatório financeiro, sendo nomeados para a comissão revisora de contas, Gaspar Nunes, Francisco Assis e António Cordeiro.

Aprou-se um convite do Comité Internacional de Propaganda para esta Federação se representar na 5.ª Conferência Internacional dos Operários Revolucionários da Madeira foi aprovado um parecer sobre o assunto, no qual se declara o convite por razões que lhes serão expostas. Pelo secretário geral foi comunicado que a partir desta data retomaria as suas funções, o que foi aceite.

Apreciou-se ainda a última nota publicada sobre a reunião do conselho federal que se referia ao camarada Grilo, a qual foi por alguns interpretada erradamente. Em face disto o conselho torna público que este camarada lhe continua merecendo toda a confiança, a qual, aliás, o conselho não pôs em dúvida como erradamente se pode inferir, mantendo-se por consequência a hegemonia entre todos os componentes do conselho federal.

Sindicatos gráficos. — Reuniu os secretários gerais dos sindicatos dos Compositores, Tipógrafos, Encadernadores e Anexos, Impressores Tipográficos, Litógrafos e Anexos e Profissionais de Imprensa para assentar no início dos trabalhos da Conferência Inter-Sindical Gráfica de Lisboa.

Detalhou-se largamente o plano de trabalhos a realizar, assentando-se em constituir-se em comissão iniciadora. Resolveu convocar assembleias gerais onde deverão ser debatidas as resoluções da conferência, especialmente sobre sindicatos únicos de indústria, constituição do conselho técnico e situação de *O Gráfico*, em que deverão tomar parte delegados da Federação. Por último foi resolvido que o secretário da comissão iniciadora fosse o secretário dos Compositores Tipográficos.

Operários Municipais. — Convidam-se a comparecer hoje na sede, pelas 14 horas, todos os cobradores, para assunto importante.

CONVOCAÇÕES

REÚNEM HOJE:
Federação Marítima. — Pelas 14 horas, na Associação do Pessoal de Câmaras, o Conselho Federal.

S. U. Metalúrgico. — Às 14 horas devem comparecer todos os componentes da Federação, comissão administrativa, conselho técnico e comissão administrativa das secções, para se ocuparem dum assunto de máximo interesse para a organização.

Carpinteiros Navais. — A assembleia geral, pelas 13 horas, a fim de tratar de assuntos de urgência.

Pintores de Construção Naval e Anexos. — A assembleia geral, pelas 14 horas, na sede da associação, a travessa do Oleiro, 13, para a discussão do regulamento de trabalho e bases orgânicas do conselho técnico e nomeação de delegados à Federação Marítima e União dos Sindicatos Operários.

Manipuladores de Pão. — A assembleia geral, pelas 17 horas, para tratar de assuntos urgentes e de alta importância.

PARA DIAS PRÓXIMOS:
Federação Mobiliária. — *Comissão Administrativa.* — Amanhã, às 21 horas.

Compositores Tipográficos. — Reuniu na próxima terça-feira em assembleia geral, com a seguinte ordem de trabalhos: 1.ª Apresentação duma proposta da direcção sobre readmissão de sócios; 2.ª Eleição de cargos vagos; 3.ª Nomeação de 2 delegados para fazer parte da comissão organizadora dos trabalhos da conferência inter-sindical gráfica.

Impressores Tipográficos. — A direcção amanhã, às 21 horas.

Marinheiros e Moços da Marinha Mercante. — Reuniu amanhã, pelas 20 horas, a assembleia geral para se ocupar da questão do vapor "Pôrto" e outros assuntos de interesse para a classe.

Operários Alfaiates. — Reuniu na próxima terça-feira, a assembleia geral deste organismo, com a seguinte ordem de trabalhos: 1.ª Nomeação da comissão escolar; 2.ª Resolver sobre a adesão ao Socorro Vermelho Internacional; 3.ª Apreciar uma circular da C. G. T.

Descarregadores de Mar e Terra. — *Secção de Peixe.* — Reuniu amanhã, pelas 13 horas, a assembleia geral desta Secção.

SINDICATOS DA PROVÍNCIA

União dos Sindicatos Operários do Pôrto. — Reuniu o conselho federal deste organismo. Entre o expediente constava dos officios do Sindicato Único do Vestuário e da Associação dos Artistas Confiteiros e Artes Correlativas, respectivamente comunicando a substituição duma delegada e acreditando dois delegados.

A seguir, tratou-se dos débitos de alguns sindicatos para com a U. S. O. e atendeu-se uma delegação da colectividade dos moços de fretes, que solicitou a interferência da União local numa questão existente entre ela e a autoridade administrativa. Contudo, foi reparado o facto da Associação dos Moços de Fretes, estando constituída já há algum tempo, ainda não ter ingressado na U. S. O.

Por último, a discussão incidiu sobre a conferência inter-sindical, salientando-se a necessidade duma mais activa propaganda

para que a sua efectivação se verifique o mais brevemente possível.

União dos Empregados no Comércio do Pôrto. — Reuniu extraordinariamente o conselho director, resolvendo diversos assuntos de interesse para a classe. De acordo com o estatuto, foram irradiados seis sócios deste organismo, por caluniarem a organização do caixaieiro.

Tomou-se conhecimento que a Tuna dos Empregados no Comércio vem abrilhantar a sessão solene que se realiza na nossa sede na próxima terça-feira, em comemoração do aniversário da União dos Empregados no Comércio.

Reúne a assembleia geral, no dia 18 do corrente, pelas 21 horas, para de acordo com o novo estatuto nomear os corpos gerentes e delegados à U. S. O.

Trabalhadores Rurais de Cano. — Reuniu em assembleia geral, aprovando o relatório e contas do ano findo.

Foi resolvido satisfazer à C. G. T. e F. Rural a importância dos estatutos em débito.

Carrilho advoga a conveniência de conseguir-se verba para o sindicato enviar os seus delegados ao congresso corporativo.

O mesmo camarada propõe que se realize um comício público, com a representação da C. G. T. e F. Rural, devendo também nele participar a camarada Miquelina, do Sindicato de Ponte de Sor.

Na mesma ordem falaram A. J. Dias e Guilherme Dias, sendo muito aplaudidos.

EM ALMADA

Um comício de protesto contra a ditadura e crise de trabalho

ALMADA, 12. — Com a assistência de perto de 3.000 pessoas realizou-se, como estava anunciado, o comício promovido pela U. S. O. de Almada de protesto contra a ditadura, crise de trabalho e carestia da vida.

O comício foi presidido por Gabriel M. Pais e secretariado por António F. Júnior e Sebastião Brito.

Explicado pelo presidente os fins do comício, usa da palavra Manuel Joaquim de Sousa, delegado da C. G. T., que começa por explicar quais as intenções da União dos Interesses Económicos, justificando com uma larga argumentação os efeitos perniciosos que para o povo trabalhador podem advir do estabelecimento da ditadura em Portugal.

O orador detalhadamente descreve o que tem sido a acção das "forças vivas", e quais os seus trabalhos para conseguirem levar a cabo a sua obra nefasta.

Sobre a missão da C. G. T. na actual conjuntura diz que este organismo não está ao lado do governo, porque isso implicaria a sua queda de princípios, mas sim defendendo os trabalhadores das arremetidas da burguesia.

Alargando-se em considerações sobre a situação dos trabalhadores nos outros países, diz que os trabalhadores portugueses são os que trabalham em piores condições, morais e materiais.

Faz sentir que em Portugal há milhares de hectares de terrenos por cultivar, enquanto nos debates nos mais terríveis e crueis misérias.